

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Curso Geral — Agrupamento 4

Duração da prova: 120 minutos
2000

1.ª FASE
1.ª CHAMADA

PROVA ESCRITA DE PORTUGUÊS A

Esta prova é constituída por três grupos de resposta obrigatória.

GRUPO I

Leia atentamente o seguinte texto:

Pequena elegia¹ chamada domingo

- 1 O domingo era uma coisa pequena.
Uma coisa tão pequena
que cabia inteirinha nos teus olhos.
Nas tuas mãos
- 5 estavam os montes e os rios
e as nuvens.
Mas as rosas,
as rosas estavam na tua boca.
- 10 Hoje os montes e os rios
e as nuvens
não vêm nas tuas mãos.
(Se ao menos elas viessem
sem montes e sem nuvens
e sem rios...)
- 15 O domingo está apenas nos meus olhos
e é grande.
Os montes estão distantes e ocultam
os rios e as nuvens
e as rosas.

Eugénio de Andrade, *Poesia e Prosa (1940-1979)*, Lisboa, IN-CM, 1980

¹ *elegia*: poesia de assunto triste ou de lamentação.

Elabore um comentário do poema que integre o tratamento dos seguintes tópicos:

- importância das marcas de tempo;
- valor simbólico dos elementos da natureza;
- recursos estilísticos e aspectos formais significativos;
- traços caracterizadores do estado de espírito do sujeito poético.

GRUPO II

A questão seguinte refere-se à poesia de Ricardo Reis.

Reis procura simplesmente aderir ao momento presente, gozá-lo, sem nada mais pedir.

Maria Vitalina Leal de Matos, *A Vivência do Tempo em Fernando Pessoa*,
Lisboa, Verbo, 1993, p. 250

Considere o juízo crítico apresentado e comente-o, fundamentando-se na sua experiência de leitor. Redija um texto expositivo-argumentativo bem estruturado, de duzentas a trezentas palavras.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituem (ex.: /2000/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

V.S.F.F.

138/3

GRUPO III

Resuma o excerto a seguir transcrito, constituído por trezentas e sessenta e uma palavras, num texto de **cento e cinco a cento e trinta e cinco** palavras.

Antes de iniciar o seu resumo, leia atentamente as observações apresentadas em final de página.

1 A publicação em 1888 de *Os Maias* assinala o momento em que chega ao seu cume o
romance concebido como imagem crítica da sociedade portuguesa (ou, mais exactamente,
da burguesia lisboeta), com as feições que esta sociedade apresenta cerca de 1875, após
5 o longo processo de revolução liberal, monárquico-constitucional, iniciada em 1820 e
estabilizada em 1851. Deste modo, [...] *Os Maias* admitem duas leituras diversas, mas
igualmente interessantes: a leitura que o próprio romance faz de três gerações de uma
família aristocrática portuguesa, entre pouco antes de 1800 e 1886 (no epílogo), recortadas
sobre o fundo das transformações sociais suas contemporâneas, e a leitura *sintomática*¹
10 daquilo que o romance em si mesmo constitui, como manifestação ideológica da elite
intelectual formada em plena época de estabilização do constitucionalismo monárquico
português, que, repetimos, decorre desde 1851, com o nome de *Regeneração*, e se pode
considerar terminada em 1891, portanto pouco depois da publicação do romance.

É oportuno observar que Eça de Queirós nasceu em 1845, isto é, pouco mais ou menos
na altura em que também nasce Carlos da Maia, o protagonista do romance. Isto quer dizer
15 que os dois capítulos iniciais de *Os Maias* servem de prólogo, simultaneamente, à intriga
romanesca principal e à geração do próprio autor. De facto, aí conhecemos, de relance, e
em volta de Caetano da Maia, bisavô de Carlos, a aristocracia dos últimos tempos do regime
senhorial e monárquico-absolutista – uma aristocracia castiçamente ignorante, grosseira,
beata e intolerante; conhecemos a fase heróica das lutas liberais, que se travaram de modo
20 particularmente duro entre 1820 e 1834, época em que Afonso da Maia representa (e
representará até à morte em 1876) uma idealização de um impossível liberalismo à *inglesa*,
assente num compromisso aristocrático-burguês, um liberalismo utópico² nas condições
portuguesas; e conhecemos a fase do liberalismo politicamente instável, entre as pretensões
da pequena e da grande burguesia (1834-1851), até à definitiva supremacia do Estado
25 burocratizado e constitucional da nova classe de capitalistas financeiros, recém-latifundiários
e grandes arrematantes das obras públicas – fase de instabilidade a que corresponde um
Romantismo retórico, passadista, sentimental, representado pela falta de carácter moral,
pelas inconsequências, pela paixão funesta e suicida de Pedro da Maia, pai de Carlos.

Óscar Lopes, *Álbum de Família*, Lisboa, Caminho, 1984

¹ *sintomática*: relativa a sinais ou a indícios.

² *utópico*: idealizado; irrealizável.

Observações:

1. Há uma tolerância de quinze palavras relativamente ao total pretendido (noventa palavras como limite mínimo, e cento e cinquenta como limite máximo). Um desvio maior implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

2. De acordo com o critério de contagem adoptado nesta prova – já explicitado no grupo II –, o fragmento a seguir transcrito é constituído por vinte e três palavras: «Afonso/ da/ Maia/ representa/ (e/ representará/ até/ à/ morte/ em/ 1876)/ uma/ idealização/ de/ um/ impossível/ liberalismo/ à/ inglesa,/ assente/ num/ compromisso/ aristocrático-burguês/».

FIM

COTAÇÕES DA PROVA

GRUPO I	100 pontos
Desenvolvimento dos tópicos – conteúdo	60 pontos
Elaboração do comentário – organização e correção linguística	40 pontos
GRUPO II	50 pontos
Conteúdo	25 pontos
Organização e correção linguística	25 pontos
GRUPO III	50 pontos
Conteúdo	20 pontos
Organização e correção linguística	30 pontos
Total	200 pontos